

O Congresso reabre

O chamado "recesso branco" por causa das eleições só deveria começar

vazio. Já é outubro?

naquele mês. Mas pelo número de parlamentares presentes ontem no plenário...

O Congresso reiniciou ontem os trabalhos legislativos com disposição semelhante à da semana anterior. Isto é, praticamente nenhuma, tanto na Câmara quanto no Senado. Neste, os parlamentares até poderiam lembrar, como desculpa, que na semana passada gastaram três dias em "esforço concentrado", e por isso poderiam estar esgotados fisicamente. Mesmo que durante o "esforço" nada tenha sido votado de importante, além das matérias de consenso aprovadas pelo voto de liderança.

Por isso, muitos parlamentares anunciaram que o "recesso branco", previsto para outubro, acabará acontecendo bem mais cedo. Na Câmara, ao início da sessão havia apenas quatro deputados. Isso permitiu que Amaury Muller (PTD-RS) subisse à tribuna iniciando o discurso de forma inédita: dirigindo-se aos presentes pelo nome. Eram apenas três: Marcelo Linhares (PDS-CE), na presidência; e no plenário, Darci Passos (PMDB-SP) e Batista Fagundes (PMDB-PR). Este último já ia saindo, mas citado nominalmente deve ter-se sentido honrado, voltou e sentou para assistir ao discurso do companheiro. Depois, Elquisson Soares (PDT-BA) e Amaral Neto (PDS-RJ) revezaram-se na tribuna e a sessão prosseguiu até as 15h30, sempre

com apenas quatro parlamentares no plenário. Mas o número oficial registrado na Mesa era de 56 deputados na Casa.

No Senado, a sessão durou pouco mais de meia hora. Havia cinco itens na pauta da ordem do dia, mas nada pôde ser apreciado, e provavelmente a mesma coisa acontecerá hoje. O presidente José Fragelli, tendo antes comunicado o fato aos jornalistas, leu durante a sessão carta do senador Alexandre Costa a respeito do episódio envolvendo projetos de reforma do Senado.

O senador Alaor Coutinho (PFL-BA) estreando na Casa em substituição ao titular do cargo Lomanto Júnior, parecia mais animado no plenário e prometia para hoje requerimento pedindo a convocação do ministro Dante de Oliveira, para explicar, "finalmente, que modelo é este de reforma agrária que querem implantar no Brasil". Anunciou ainda projeto determinando a volta do horário anterior de funcionamento dos bancos, das 9h30 até as 16h30. O senador notou que os bancos estão trabalhando menos, mas ainda assim seu expediente é bem maior que o do Senado.

O caso Costa

O senador Alexandre Costa

(PFL-MA) evitou uma crise interna no Senado, ao admitir ter sido ele o subscritor, embora "inadvertidamente e no aqodamento" da subemenda aos projetos de reforma interna da Casa, cuja autoria contestara quinta-feira última, numa das sessões do último período de "esforço concentrado". Naquela ocasião, o representante do Maranhão levantou uma questão de ordem em plenário, 40 minutos depois da leitura da emenda, para declarar que, de um elenco de diversas outras recebidas pela Mesa-Diretora, uma não era de sua iniciativa, pedindo sua retirada.

No desdobramento do episódio e diante principalmente da intervenção do 1º secretário, senador Enéas Faria (PMDB-PR) reclamando providências enérgicas para apurar o que poderia ser uma fraude, o presidente do Senado, José Fragelli, anunciou que iria criar uma comissão para investigar a procedência da subemenda, que revoga um dispositivo interno pelo qual é proibido a qualquer servidor do Senado ganhar mais que um senador.

Essa limitação existe na legislação interna do Senado exatamente por iniciativa de Costa, que já exerceu o cargo de 1º secretário. Depois, Fragelli deu o assunto por encerrado.